

liberdade.» (p. 124). Referindo-se ao momento da comunhão, escreve: «Certamente, ninguém me via subir ao altar, já que eu ficava na minha cadeira. Não podia ir até Ele, então era Ele que vinha até mim. [...] E eu vivia este tempo da Eucaristia melhor que jamais o tinha vivido.» p. 126). Esta transformação espiritual levou-a também a compreender melhor a Igreja, essa que ela tinha considerado intransigente, mas que agora via, antes, como educadora, com doçura e exigência, em seu papel de mãe (cf. p. 130). Tal como a levou a compreender que a misericórdia de Deus não passa exclusivamente pelo acesso aos sacramentos (cf. p. 140).

Um relato que é um belíssimo testemunho, a ter em conta nesta altura em que o problema dos divorciados recasados tanto preocupa a Igreja e tanto se multiplica no nosso mundo.

JORGE COUTINHO

## SAGRADA ESCRITURA

TARNEAUD, Jocelyne, **La Bible pas à pas: Tome 3: Moïse et l'Exode**, Éditions Lethielleux (Groupe Artège : [www.editionslethielleux.fr](http://www.editionslethielleux.fr)), Paris 2015, 280 p., 210 x 140, ISBN 978-2-249-62313-4.

Jocelyne Tarneaud, bibliista, jornalista e autora, é uma excelente contadora de histórias, que produziu na Radio Notre Dame uma série de emissões intituladas «pas à pas» (passo a passo). Aí fez desfilar, uma a uma, as grandes figuras bíblicas, desde o Génesis ao Apocalipse, procurando realçar o simbolismo inerente a figuras, objectos e

acontecimentos, mostrando como o Antigo Testamento preludia e prefigura realidades novas e superiores do NT, e como ambos apontam para realidades escatológicas ou celestes.

Neste livro, tomo III de uma ampla colecção, coligem-se símbolos múltiplos, ligados à figura simbólica por excelência da narrativa do Êxodo, Moisés, símbolo e prefiguração de Cristo, o grande libertador, não já do Egipto país da servidão do povo hebreu, mas do Egipto do coração de cada ser humano, mormente em relação ao medo da morte que nele habita. Pelo seu próprio Mistério Pascal, Cristo, o «novo Moisés», realizou a grande passagem da servidão à condição mortal para a liberdade da Terra Prometida do reino dos Céus.

São 21 os textos (as palestras) que aqui se coligem, cada um preenchendo um capítulo do livro. Todos eles, no título, começam pela palavra «Moïse» (Moisés) e a copulativa «et» (e). O primeiro intitula-se «Moisés e o Egipto». O Egipto é, no Êxodo, um símbolo global. Seguem-se outros símbolos, sempre em íntima relação com a figura sempre presente do grande chefe libertador: a arca, a língua pesada, a avezinha (referência a Tsipora correndo à frente do estrangeiro como uma ave levada pelo sopro do vento), a sarça ardente, o bastão de Deus, o jumento, as dez pragas, o ouro dos egípcios, o cordeiro pascal, o Mar dos Juncos, a Atlântida (com a busca de um relacionamento do Êxodo com o afundamento daquele continente mítico, no seguimento de um livro de Fernand Crombette), o deserto, as codornizes e o maná, as tábuas da Lei, o bezerro de ouro, a Tenda do Encontro, o cacho de uvas, os turbulos da revolta, a serpente de bronze e, finalmente, o monte Nebo.

Quem apenas tenha esta breve descrição como referência pode ser tentado a presu-

mir que se trata de textos de mera divulgação, sem o rigor científico que a abordagem da Bíblia exige. Seria, porém, uma falsa presunção. De facto, a autora, tal como narra e explica com fluência e elegância de linguagem, assim também, embora sem se exceder em eruditismos, pratica uma fina análise linguística de muitos dos termos da narrativa, do mesmo modo que sabe extrair de figuras, de factos e de objectos um simbolismo que escaparia facilmente a qualquer leitor menos preparado.

JORGE COUTINHO

PUIG I TÀRRECH, Armand (a cura de), **Relectures de l'Esriptura a la llum del Concili Vaticà II (1): «La vinya»**, col. «Scripta Biblica», Associació Bíblica de Catalunya / Facultat de Teologia de Catalunya / Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2015, 242 p. 235 x 155, ISBN 978-84-9883-734-6 (vol. 1) / 978-84-9883-737-7 (obra completa).

A Associació Bíblica de Catalunya, dedicou as Jornadas Bíblicas Catalãs de 2012 e 2013 à reflexão sobre a constituição *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, na oportunidade dos cinquenta anos da sua promulgação. Resultaram daí os dois volumes de estudos que aqui se apresentam (veja-se a resenha seguinte), incluídos na colecção «Scripta biblica». Através deles, os organizadores quiseram pôr em relevo quatro mudanças fundamentais operadas por aquele documento e agora, à distância de cinquenta anos, tornadas bem evidentes: a noção de revelação, a relação entre Tradição e Escritura, a ideia de inspiração e a interpretação do texto bíblico.

Como exemplificação, foi definida uma metodologia: seleccionaram-se duas imagens exemplares – a vinha (Is 5,1-7) e a serpente de bronze (Nm 21,4-9) – que permitiram uma leitura exegética transversal, partindo do AT em direcção ao NT e à patrística. Pôde assim verificar-se o alcance da prática das releituras no interior do texto canónico.

Neste primeiro volume procede-se à análise do cântico da vinha (Is 5,1-7). Estudam-se sucessivamente o texto massorético, acompanhado do Targum, e o texto hebraico tal como se encontra no primeiro rolo de Isaías da primeira cova de Qumran. Seguem-se três estudos sobre as quatro versões da Parábola dos vinhateiros (Marcos, Mateus, Lucas e Tom). Uma questão de fundo incide sobre todos eles: qual o grau de incidência de Is 5,1-7 e do salmo 118 sobre cada uma das versões. Para informação mais detalhada, apresentam-se aqui os estudos apresentados, com os respectivos autores.

Enric Cortès, com Armand Puig i Tàrrach e Josep Oriol Tuñi i Vancells fazem uma introdução geral, sob o título «La significació de la Constitució conciliar Dei Verbum, cinquanta anys després»; Joan Ramon Marín i Torner estudam a perícopa «Va, jutgeu entre jo la meva vinya»; John Francis Elwolde, «Isaiah 5:1-7 in the Dead Sea Scrolls, Mt and versions: Basic data and preliminary observations»; Armand Puig i Tàrrach: «Els límits de la reinterpretació en la tradició de Jesus. Les quatre versions de la paràbola dels vinyaters»; Josep Rius Camps: «El càntic de la vinya en els sinòtics»; Jenny Read-Heimerdinger: «The parable of the vineyard in Luke's Gospel (20.9-19): Text and tradition»; Josep Sastre i Portella: «Comentari dels Pares, dels segles IV i V al Càntic de la vinya».

LUÍS SALGADO